

GAZETA LITTERARIA

Propriedade da Papelaria e Typographia Commercial de A. Moreira Dantas

ANNO I 9

GERENTE : E. CHARLES DUPIN

NUM. 1

E. U. DO BRAZIL

PUBLICAÇÃO AOS DOMINGOS — VICTORIA, 1.º DE JANEIRO DE 1899

E. DO E. SANTO

EXPEDIENTE

Os que não forem indiferentes á publicação deste hebdomadario tarão concorrido patrioticamente não só para o conhecimento dos homens e das cousas, como tambem para a prosperidade das Lettras Patrias.

Acceita-se com especial agrado collaborações sobre litteratura, sciencias, artes, educação, ensino, etc.

Escritorio á rua Primeiro de Março n. 24, Papelaria e Typographia Commercial.

Não acceita-se assignaturas.
Vende-se avulso a 200 réis.

Acceitam-se annuncios e reclames mediante contracto mensal.

EM PROFISSÃO DE FÉ

ROMEIRO na grande cruzada do progresso, tendo por phanal a doce luz do espirito, surge a *Gazeta* para o combate glorioso da intelligencia e do trabalho.

Tendo em si a mais acrysolada ambição de tornar-se gladiador seguro nessa luta arrojada e sacrosanta das grandes idéas do seculo, conta com o favor publico que jámais o arremessará á onda da indifferença, onde a inactividade é tudo.

Palinuro ouzando enfrentando a immensidade dos mares, espera seguir o roteiro traçado, tendo por guia o luzeiro da esperança; e dominado pela fé, companheira de seu generoso tentamom, presume chegar ao porto de seu destino, onde entoará as hozannas da victoria.

E, se no proseguir desse desejo altamente patriótico tiver de paírar no ponto de divergencia traçado pela inercia, que atrophia, mata e envolve no embryão as mais justas e nobres aspirações, restar-lhe-á o consolo de, cheio de civismo e de abnegação, ter se apresentado em campo aberto para a propaganda do bem.

Hastón o labaro que synthetisa a persoverança e a vontade que nunca de si se affastará nessa cruzada de luz e jamais olvidará a pureza hostial de suas creuças.

Cada opinião de quem a lór seja do applauso ao seu apparecimento que não mediu das difficuldades que se autollham, que surgem em emprezas de tal natureza; seja um hymno á sagração de seu alto objectivo; seja uma petala immarcescível da estemma que em todos os tempos, em todas as epocas, em todos os seculos, será tecida sempre

com mais enthusiasmo, com mais ardor, mais vida e mais fortemente, ao poderoso invento da imprensa, factor sublime, agente indispensavel ao progresso das Nações.

Que o dia de hoje, 1.º de Janciro, consagrado á Fraternidade Universal, seja o prenuncio mais agigantado da prosperidade que encontro a *Gazeta* no tirocinio que hoje começa e que pretende levat-o immaculado. — Ella uno-se ao sentimento de jubilo que experimenta o coração da humanidade inteira pela sublimidade do 1.º de Janeiro no qual traduz-se enthusiasmicamente a data da Fraternidade Universal; dirige á Imprensa os cultos de sua admiração e faz votos pela grandeza, pela prosperidade da patria.

Amparem-n'a, animem-n'a, convergindo assim o enthusiasmo e a dedicación, que a *Gazeta* fará o possivel para um caminhar titanico de heróe, vendo nesse enthusiasmo e nessa dedicación o melhor e mais grandioso incentivo á realisación de seu ideal sublime e elevantado.

A Redação.

CANTA!

Canta!... Que ou possa ouvir-te assim cantando!
E silta na alma a vibração divina
Da tua voz enunorada e fina,
Vir fasciante e pressurosa entrando.

Canta!... Em meu peito languoroso, quando
Cantas, a palção intima o domina,
E eu oudo ouvir a musica em surdina
Dos anjos puros junto a mim baixando.

E' que te ouvindo a pura voz, do outrora
Toda a lembrança, todos os carinhos,
De novo palram no meu solo agora.

Ouvindo-a crelo ouvir os passarinhos
Trem cantando pelo espaço em fóra,
A symphonía matinal dos ninhos.

ULYSSES SARMENTO

Em curvatura a mais respeitosa saudamos aos leitores da *Gazeta*, ambicionando-lhes feliz entrada de Anno Bom.

O fino espirito de que é dotado o nosso bom companheiro, que se occulta sob o pseudonymo de Oliverio Til, encontrarão os leitores da *Gazeta* na secção *Caixa postal* de que foi encarregado e teve de inaugural-a, quando menos esperava, forçado pela remessa de umas tiras que tão sómente cheiravam a polítiagem.

Verão os leitores que Oliverio Til não é como diz o vulgo — *marinheiro de primeira viagem*.

Leiam-n'o e nos digam si non é vero.

HONTEM E HOJE!

HONTEM!... Liquidação final do anno que desapareceu só, silenciosamente sem uma lagrima, sem uma unica saudade!

Podia dizer muito desse anno que se perimiu; mas não devo nem me sinto com animo de desfiar o rosario de Maguas e de Sofrimentos.

O que elle foi e o que fez, está bem patente na memoria de todos — pois foi hontem o termino de sua fatal e dolorosa missão.

Eu não posso crér que o extincto e mizerrimo 98 que imperou por espaço de 365 dias, embalsamasse um só coração com o perfume da felicidade. Dado mesmo o caso de ter algum bem proporcionado, isso desaparece em virtude dos milhares de males causados á Humanidade.

Digo isto, porque a coucha dos malifices pesou mais, muito mais do que a concha dos beneficos. Anno climacterico, triste, máo!... Máo para as Artes, para as Lettras, para as Sciencias!

Horrivel para o Commercio e para a Lavoura. Anno de verdadeira calamidade publica!...

Passou sem deixar um só beneficio, um só acto bom que lhe possa servir de gloria posthuma.

Foi-se sem receber uma só benção da gratidão publica.

Talvez ouvisses simplesmente o Miserere da Dor! e é bem possivel que aos seus ouvidos chegassem, como um protesto vivo, vibrante, solennissimo, a voz da maldição dos que soffriam!

Hoje o scenario é outro!...

Canta a Natureza o mimoso hymnario da Esperança, essa filha dos corações pulchros feitos de amor e de bondade feitos.

O céo azul sem mancha, o céo purissimo, garrulo, feerico, acorda a Humanidade e convida a saudar solennemente o 99, nesta expressão sympathica e fervorosa: — Anno bom! Anno bom! Salve!

A estrella da manhã, tremula e pura como um affectivo coração massiço de amor; como uma Hostia purissima, immaculada que apparece a cima do Altar á hora solennissima da Consagração — a estrella da manhã palpita no velino entoando por seu turno o canticco saudativo:

— Salve 99! Anno bom! Anno bom! Salve!

A esplendorosa Aurora, sorridente, rubra como o mimosissimo seio carmineo de uma rosa, expande-se jubilosa desabotoando o festivalissimo dia e deixa apparecer radiante o sol festivo, o engalanado sol da Esperança!

Eil-o grandilloquo e bello no seu bellissimo carro triumphal — mostrando ao mundo o esbelto manco, o novo e venturoso anno de 1899.

Deixemol-o passar, risouho, festivo, fulgurante, encorajando-nos ao trabalho, enchendo-nos de persoverança e estimulo.

Saudemos tambem por nossa vez o anno que surge gloriosamente.

Boas festas! Boas festas! Salve! Salve!

JULES GRANVAL.

PESOS E MEDIDAS

A chronica é o compartimento baixo da Historia. Abrangendo ambas a existencia da humanidade, differenciavam-se entretanto pelo grão de visão do observador. A primeira vivo-se; a segunda commemora-se.

A chronica é uma missa de corpo presente, a historia é uma romaria aos cemiterios.

Requinte de vaidade, ou verdadeiro interesse pela sorte dos vindouros, firmaram o costume dos povos transmittirem aos posteros as occurrencias de sua vida.

Vê-se, depondo como testemunhas no plenário do grande processo historico, de par com as hypogéas indianas, as pyramides do Egypto e os hieroglyphos, os crololithos, as ceraunias e os kjokken moddings.

Aos vestigios fossilizados de uma gotta d'agua acompanha pacientemente a attenção do sabio atravez das camadas da terra, e as conchas dos molluscos são abobadas de templos derrocados, que archivavam episodios dramaticos ou comicos de nossos seminarios antepassados.

Portico da Historia, na ordem chronologica e conjectural de seu desenvolvimento, poucos della, da chronica, se occupam, e de sua vida modesta e obscura desdenham os que mais ambicionam a admiração das futuras gerações.

O processo de seu julgamento, por summario, raro deixa de ser justo e está sujeito a revisão. Suas glorificações reduzem-se a pouco — uns arcos de bambús, charangas e copo d'agua; suas condemnações: umas tiradas de jornal politico, dubias inscripções nos muros da cidade e uns rufos de latas de kerosene.

Abrimos, hoje, o registro de umas e outras, sujeitando previamente os factos á uma apreciação preliminar, para classificar-os em seus compartimentos.

Vamos pesar e medir. Ha dois meios, dizia um grande poeta, de evitar o esmagamento: ser muito grande ou ser muito pequeno. Escapa-se do mesmo modo ao processo das operações metricas.

Os imponderaveis e os incommensuraveis estão fóra do nosso dominio.

A nossa balança não é nem a da justiça que tem os olhos vendados, nem a do tendeiro dos Milagres de S. Antonio, refractaria ás leis da physica profana.

Acusando-se alguém, principalmente o governo, por decisões diversas em casos apparentemente analogos, diz-se que usa de dois pesos e duas medidas. Suprema imbecillidade. Ha balanças equilibradas e pesos fraudulentos. Examine-se primeiramente uns e outras.

Lancemos em uma das conchas da balança esse 1898 que acaba de descambar. Um facto sobresahiu no meio da fumarada dos canhões e por entre o tremeluzir dos sabres — a velha e odienta guerra das raças disputando cada qual o avassalamento da terra.

O sangue semita correu nas ruas de Pariz e a nobre e generosa Hespanha, quando se preparava para solemnizar festivamente a descoberta do Novo Mundo, sentiu embeber-se-lhe no peito o punhal dessa America a quem dera, para trazel-a á luz da civilização, as joias de sua rainha e o valor indomável de seus marinheiros.

As nações da Europa corvejam por sobre a indolencia habitual da China e ninguem póde prever qual mais poderosa e mais astata conseguirá impôr o seu dominio n'aquelle grande imperio talvez destinado a uma nobre missão.

Contrastando com esta agitação senil do Velho Mundo, aqui, entre as nações do Novo, vai o nosso paiz a declinar para um occaso tenebroso cujo termino longe se nos afigura.

Em nosso Estado tres acontecimentos assignalaram a passagem do 98: — a inauguração de mais um trecho da estrada de ferro, a falta de dinheiro no cofre, e... a publicação do *Almanak do Estado*, pelo Dantas.

Não fomos infelizes de todo como veem; si inaugurou-se um trecho apenas da estrada é porque não se poude inaugurar dois ou mais; se não ha dinheiro no cofre, em compensação tambem não o ha n'outra parte o se o Almanak veio á luz foi porque o Dantas, associado ao Amancio, era capaz de muito mais.

**

Não é tambem o primeiro, esse anno que passa, assim tão calmo em um paiz e n'outros vascolejando na concha da mão os eraneos dos homens, como chocalhos em mãos de eriança.

Muitos já passaram e outros passarão tambem como os primeiros, curvados ao peso dos apodos, assistindo na agonia as festanças no recém-vindo.

Pouco ha de tardar que se extingão os fogos de bengalla e a scena que á primeira succeder não trará com certeza o fulgor das apothecoses.

Por nossa parte aqui estamos, olhos despertos, no vidro do cosmorama, e, o leitor, se confia em nosso criterio, approxime-se para ouvir os commentarios.

Attenção! Vai passar o segundo quadro.

SIMPLES.

ANNO BOM

Que mais feliz, disseste, entreabrindo
Os labios rubros — rubros do coral,
Fitando muito o céo sereno, lindo
Abrindo-se em rosal...

Que mais feliz o Anno que começa
Seja dissesstes — eu contigo, Amada
Tenho fé no porvir e na promessa,
— Na Aurora desejada...

II

E mais felizes, Nolva, mais serenos,
Quando ratar a prometida Aurora,
Si o grande amor que a ambos nos queremos
O tempo não devora!...

III

Cada dia que passa — á bem verdade,
Velhos flemos; mas as creanças crescem
E nossos corações têm mocidade...
Elles nunca envelhecem!...

VALENTIM DEBIASE.

O conto — *Suprema ventura* — que publicamos na edição de hoje, é da lavra de uma intelligente normalista que, por modestia, o assigna sob o pseudonymo de Clotilde Moulinet.

Luciola, magnifico romance de José de Alencar, tem sido por demais procurado na Papelaria e Typographia Commercial.

Isto quer dizer que os leitores ou leitoras adeptas deste laureado escriptor, se desejam possuir e ler a *Luciola*, convém que não tardem em fazer acquisição deste romance, pois está a esgotar-se o segundo pedido feito para a Capital Federal.

SUPREMA VENTURA

A natureza, andava se preparando festivamente vestindo de verde (esperança) os prados e as arvores; ornamentando o firmamento dando-lhes uns tons sympathicos; ensinando as avesinhas os cantos melodiosos, os trinadoes suavissimos para a grande festa da recepção!

Maio se approximava! Pretendia fazer a sua entrada triumphal!

Maio o mez das flores, o mez predilecto de Nossa Senhora — batia á porta dos corações amantes e esperançosos; e era preciso, que os prados e os bosques, as campinas e os outeiros, estivessem saturados de perfumes para receber-o e embalsamar-o. Havia poesia na linguagem das flores, harmonias em todos os séres, encantos e deslumbramentos na orchestra passarál, que se preparava para o concerto da natureza. Julita, a creatura gentil, filha da innocencia e da candura, dona de uns cabellos loiros como jaldo e de uns olhos azues como o firmamento; feliz e satisfeita, não tinha outra preocupação a não ser unicamente procurar ornamentos para o seu elegante e encantador jardim.

Irmã das flores, formosa como ellas, Julita sentia enorme satisfação e prazer em aspiral-as.

Ao entardecer, quando o céo começava a mostrar uma ou outra estrella palpitante, a bella jardineira descia e preparava cuidadosamente um primoroso bouquet para offerecer á Virgem Santissima juntamente com suas preces. Era este o melhor presente que uma alma em flor podia offerecer a sua unica protectora, a sua verdadeira Mãe pelo coração e pela crença! Acercava-se de Nossa Senhora da Conceição e ali permanecia extasiada, deslumbrada, ante a luz do olhar divino da Grande Mãe de Deus!

Seus labios eram immoveis; seus olhos fitos, só o coração fulava. Em uma dessas occasiões ella divisou um sorriso bom nos labios Santissimos da Virgem Maria.

Cheia de contentamento e de alegria, Julita jubilada ergue os olhos para o alto e vê então, oh! sublime ventura! vê o céo aberto com todos os encantos jámais imaginados. A Magestade Divina sentada no seu throno de purpura e anjos loiros, ordos, luzidios, cantavam um mimoso hymno.

Desde então, Julita teve um unico desejo e pedia e supplicava á Nossa Senhora a ventura de lhe conceder um lugar entre os anjos, naquella mansão de gloria, naquella morada celestial!

Por esse tempo, andava a natureza se preparando festivamente para receber Maio — ao som dos hymnos, ao tom dos perfumes! Quando elle chegou foi rapido ajoelhar-se aos pés do altar e ficou admirado de ver uma moça ajoelhada com o braço estendido, offerecendo um bouquet á Nossa Senhora e a cabeça apoiada no altar. Era Julita.

Maio festivo, julgando a virgem em extase, tocou-lhe delicadamente no hombro, porém, achou-o frio; reconheceu então que estava morta. Sua alma candida e pura como a pureza das flores, havia obtido a suprema ventura de habitar entre os anjos... e foi!

Por isso, quando suas amigas espalliam pelo seu tumulto algumas flores como expressão de amizade, sua alma, lá do céo contempla satisfeita cheia de reconhecimento e de gratidão.

CLOTILDE MOULINET.

A redacção do *Almanak do Estado* recebeu da Bibliotheca Nacional uma circular-officio solicitando a remessa de tão util publicação, o que foi enviado sem demora e conjuntamente com um exemplar do livro *Traços Biographicos*.

X DESILLUSÃO

Que noite horrivel! Os vendavaes sanhudos acoutavam desampiadamente as tenras plantinhas deste maldado torrao, onde até os ortigos temem medrar!

As aves agourelas soltam continuos pios por cima de um velho casebro quasi abandonado onde agonisa um rapaz de 19 annos.

E' uma victima das desillusões!

O seu olhar é limpido como a justiça, tetrico como o desespero, sereno como a paz harmoniosa dos tumulos.

Sobre uma cama miseravel, sem uma coberta ao menos, olha serenamente para uma original moçoila de 15 annos — Era sua unica irmã.

As lagrimas como cascatas de perolas desluzavam-lhe pelas faces morenas e iam encorruar-se no mimoso seio, como a pombinha implume buscando asylo no puro seio materno. De vez em quando ella fixava o seu olhar mavioso e triste na pallida frente do irmão amado.

A' um canto, um cão, uivando sinistramente, preludiava a catastrophe imminente do desenlace fatal.

— Soffres muito maninho? Espera em Deus, que elle é bom e misericordioso e hu de compadecer-se de nós, disse-lhe a irmãinha banhada em lagrimas.

— Deus! grande illusão! horrivel mentira! detestavel nada!

— Não blasphemos! Tom pona de mim! Então já te esqueceste das rezas que a mãisinha nos ensinava?

— As rezas? que rezas? Ah!... lembro-me agora! eram umas palavras santificadas pela voz d'aquella mãe adoravel, umas diversões infantis, uma loucura celeste! Hoje, o que me resta? — o mundo da realidade em toda a sua nudez, com todas as suas perversidades. Deus! Deus! grande chimera! Como posso eu acreditar em ti si nada demonstra a tua existencia! Posso acreditar em ti vendo os justos martyrisados, os despotas no apogeo da grandeza, a mentira, a infâmia, a traição audarem sorrindo de braços dados, sem haver quem lhes impeça os passos, quem os destrúa?

— Não! a minha consciencia revolta-se, a luta é tremenda entre a esperança e a realidade, entre a duvida e a certeza, entre a grandeza e o nada!

O' almas que ainda vos embalaes nas doces esperanças de uma vida futura! em um Deus misericordioso e bom! Bemditas sejas porque viveis n'um mundo illusorio, chimerico, ideal, sem olhares para esta alluviaão de miserias, para este oceano de lodo!

Papai, ó Papae? — chama a menina julgando ver no irmão um allucinado soltando o ultimo suspiro — Ai! como sou desgraçada! N'uma noite tempestuosa, com um irmão, meu unico amparo, a alma da minha esperança, a... e soluçava loucamente.

— Helena! dá-me tinta e papel!
— Não temos, Zanny.
— Arranja-me um pedaço de panno branco e um carvão.

A boa irmã dirigiu-se á cozinha, rasgou uma tira de sua propria saia, voltou e entregou-a com um carvãozinho ponteagudo.

— Segura uma taboa aqui, junto a mim.
Com a mão tremula, o' olhar em brazas, o corpo ardente aos quarenta graus de uma febre mortal escreveu estas palavras:

« Eu me despeço de vós, ó meus parentes e amigos — si é que os tenho — mas não me pergunteis qual o meu destino.

« Si houve dia desgraçado, foi certamente aquelle em que fui gerado no seio de minha mãe. Ah! deixem-me esvasiar o peito repleto de indignação

e desprezo, pois que é o ultimo instante de vida infeliz, cheia de dissabores, de desenganos, de tudo quanto ha de mais hediondo e despresivel no percurso de dezenove annos de uma existencia amargurada.

« Não comprehendi o mundo por ser-me impossivel; não fui comprehendido porque não pude derrocar a muralha que me occultava na obscuridade.

« Quanto a ti, ó igreja catholica romana, não careço de teus favores, porque si ha alma, o que muito duvido, a minha ira para onde, sem duvida, acham-se os teus apóstolos, desde S. Pedro, o falso, até Pio IX, o hypocrita!

« A ti, ó sociedade, escuta o que te digo — Conheci que és a vibora da humanidade moderna, porém aquella que morde sorrindo, jurando um amor eterno! Mas, chegará o dia em que as victimas se extinguirão de todo e has de morder a ti mesma, — é esta a minha esperança!

« Quanto ao meu corpo que o enterrem, que o deixem servir de pasto aos abutres, é-me indifferente.

« Helena, querida irmãinha!
« Não lamentos a minha morte.

« O grande affecto que te consagro será guardado em um lugar puro e immaculado que ainda conservo no meu ser. Abraça nosso Pae e... dá-lhe este beijo, uma prova de amizade infanda!»

Pegou a cabeça da irmã, beijou-a loucamente na frente, abraçou-a, e cahindo, exclamou dando o ultimo gemido — Meu Pae, Helena, perdoem-me! Era preciso chegar a realidade!

Adeus!
E expirou.

ARARIPÉ PAIVA.

Victoria, 23 de Dezembro de 1898.

OLGA

Anjo e mulher. Assim a minha phantasia erem-te a compleção artistica e divina, ao ver-te, qual visão etherea e peregrina, passar pelo meu sonho, em doce romaria...

E desde então, minh'alma á ti toda se inclina, e genuflexa escuta, em mystica dalia, o teu nome soar no rythmo da Poesia; e a tua voz cantando em céleste sordina.

Das paragens da Luz, typo ideal, perfeito, vens com alma de estrella em corpo todo feito de petalas de rosa e essencia de violeta...

E os anjos em cortejo, os passaros cantando, fazem-te immensa festa, e vão te arrobando no dorso triumphal de enorme borboleta!

IBRANTISA CARDONA.

Ao — *Commercio do Espirito Santo* — as nossas saudações cheias da mais sincera admiração.

Que o confrade possa no roteiro que traçou encontrar sempre os applausos que tem sabido conquistar nesses oito annos de luta incessante na defeza da causa de que se fez representante.

Saudações ao confrade pelo seu anniversario.

No dia de amanhã, diz a historia espirito-santense, Felipe III passa carta patente de capitão general e administrador das minas da Capitania do Espirito Santo, a D. Francisco de Souza.

Este facto teve lugar em 2 de Janeiro de 1607.

A 1.º de Janeiro de 1678, pelo governador Francisco Gil de Araujo, foi elevada á cathedra de Villa, a hoje Cidade de Guarapary.

Nos associamos ao jubilo do bom povo guaraparyense.

2 DE JANEIRO

Gloriosa data na historia de nossa Patria!
Enche-se de enthusiasmo o coração brasileiro pela recordação de um feito agigantado na renhida luta travada entre as tropas brasileiras com as de Lopez, luta que teve começo pela provocação deste presidente da Republica do Paraguay, sob pretexto de haver as tropas brasileiras invadido o Estado Oriental do Uruguay.

2 de Janeiro de 1865 é o marco de uma conquista nobre e valorosa pelo general Menna Barreto e Tamandaré.

34 annos, amanhã, o da tomada de Paysandú! E' um dia de jubilo nacional.

E' uma pagina brilhante que perdurará immaculada no livro da historia brasileira, como immaculada deve existir nos corações patrióticos a memoria de seus heróis!

Salve o 2 de Janeiro de 1865!



Sabemos que será distribuido por esses dias um novo periodico sob o titulo *Gazeta do Povo* e de redacção do talentoso advogado Dr. Elyseu Cesar. Que venha o novo confrade e que seja bem recebido pela generosa população espirito-santense. Ao confrade o nosso mais ardente desejo de um caminhar seguro, prospero e brilhante.



DIVERSÕES

O Club Commercial abriu hontem os seus salões para uma soirée dansante, em solennidade á entrada de Anno Bom.
Uma noite cheia!

Festivo hoje o jardim da rua Sete de Setembro. Boa musica, boa illuminação e tudo quanto for preciso para attrahir a nossa sociedade á esse ponto de recreio.
Um fartão!

O *Melpomene* prepara-se para receber a Companhia Infantil.
Esporemol-a.



EM PLENO AZUL

Ancho, contente, como se tivesse vencido uma batalha, está hoje em festas o Odilon, filho do Sr. Alfredo Lima, despachante de nossa Alfandega, por completar mais uma primavera.

Vae nesta noticia um chromosinho que lhe enviamos de presente.

O Dr. Argêo Monjardim, habil advogado do foro desta Capital, faz annos amanhã.

Isto quer dizer que, com a affabilidade que lhe é propria, receberá em a chacara de sua residencia á rua Christovão Colombo, os amigos e admiradores que lhe forem dar os parabens.

Saibam os amigos do Sr. Argêo Nunes que elle amanhã completa mais um anniversario feliz.

O Sr. pharmaceutico João Aguirre, a 3 do corrente, terá occasião de mais um testemunho da consideração de que goza, recebendo as felicitações de seus amigos e admiradores pelo seu anniversario natalicio.

PHASES DA ALMA

NUNCA mais! Nunca mais me esquecerei dos momentos ditosos dessa existência de rosas, estação mais que risonha e feliz!

Nunca mais dedicarei a mulher alguma este amor sincero, vehemente, apaixonado o indescriptivel, de um ente que não sabia mentir, porque estava com a alma repleta de sentimentos puros, purissimos!

Viverei eternamente da recordação do meu amor extinto e jamais procurarei consolar-me!

Assim me exprimia eu, no auge da desesperação a mais cruel, no isolamento do abandono o mais impiedoso, o mais inclemente.

Mas... Ai de mim!

Passam-se os tempos; e, quando julgava-me inacessível ás paixões feminis, quando suppunha completamente morto o coração despedido, eis que estremeço ao rebento poderoso, poderosissimo de um amor, novo, ardente... Amor impetuoso, paixão sobre-humana.

Amo! Amo hoje mais do que sempre, mais do que nunca, mais do que eu imaginava! Amo com carinho, amo com affecto, amo com emoção, amo com delirio!

E, bemdigo a Felicidade que abre-me hoje de par em par as portas douradas de seu Templo ideal, sumptuoso Templo, esplendoroso Templo, em cujas abobodas polychromas resoam epithalamios divinaes, angelicos...

A.



ALMANAK DO ESTADO DO ERPIRITO SANTO

Esta utilissima publicação tem merecido não só a melhor acceitação por parte da imprensa dos Estados da Republica, como também as melhores referencias externadas em cartas e cartões que diversos cidadãos têm tido a delicadeza de nos enviar.

A' todos agradecemos essa fineza de verdadeiro cavalheirismo.



Fei a 6 de Janeiro de 1873 que teve lugar o acto solenne da inauguração da Praça do Mercado desta Capital creada por lei n. 10 de 1864. Presidia os destinos da então provincia o Dr. Luiz Eugenio Horta Barboza.



HYMNO AO TRABALHO

«Trabalhai, que a esperança perdida em um momento angustioso, voltará a occupar o logar abandonado em vosso ser.»

«Trabalhai e esperai: o vosso dia não se demorará em raiar.»

«O vagabundo, o réprobo encontram regeneração no trabalho. Trabalhem.»

«A dor, mais funda, o soffrimento mais cruel, o desespero mais intenso, acham sempre lenitivo no trabalho.»

«Trabalhar é viver; trabalhar é ter fé.»

«Qual seria a minha existencia, qual seria o meu peregrinar no mundo, si no abençoado trabalho não tivesse encontrado algumas particulas de conforto para as profundissimas chagas abertas pelo infortunio no intimo de meu peito?»

Faiscante de graça e de ironia é o estudo consagrado a um personagem typico, de que Molière soube aproveitar-se com genial inspiração.

DAMASCENO VIEIRA.

SUPPLICHRO

Tou poquinho leito te esumilha,
Como um festivo altar illuminado,
Chorando todo a sandalo e a haunilha,
E' para mim um tanulo sagrado.

Como um snerario azul estallejado
De ouro e sapphira, em cada canto brilha
Uma doce lembrança do passado,
Does vestigios dos teus beijos, filha:

Sob o silencio azul dessas cortinas,
Os segredos das tuas covatinas
Dormem em doce paz religiosa.

Amo esse ninho de ideal brançura
Porque teu leito foi a sepultura
Do teu primeiro sonho cor de rosa

THEMISTOCLES MACHADO.



Por falta de espaço deixamos de publicar diversos originaes que nos foram remittidos. Pedimos por isso desculpa aos nossos bons collaboradores.



CAIXA POSTAL

Ainda não tinhamos feito a solenne promessa de bem e fielmente cumprir as obrigações desta secção, apesar de termos já em mãos o decreto de nossa designação lavrado com todos os *fff* e *rrr* pelos cidadãos proprietarios e redactor deste hebdomadario, que nos quizeram dar tamanha distincção, que agradecemos com todas as veras de um reconhecimento sincero, e já um bicho á obrigarnos a inauguração da *Caixa postal*, que poderia ser installada, embora sem musica e sem *fogueterio*, mas como uma dessas poesias que comparassem os olhos da *Elta* com duas estrelas á bocca da noite ou mesmo com duas perolas desgastadas e fermosas como *formosos* são todos os olhos de quem se quer... etc.

Não aconteceu isso: — o Sr. Decio obrigou-nos pela sua prosa *desproada* a dizer-nos aos leitores da *Gazeta*:

Está installada a *Caixa postal* e... lá vai: — Sr. Decio, pedimos-lhe desculpa por não editar o artigo que nos enviou. Agradecemos-lhe a delicadeza, porém, não podemos deixar de dizer que se adjuntou sem saber do programma da *Gazeta*. O senhor começou bem o seu alinhavado mas... coxilou demais quanto a forma e o estylo que está a modo de *cozido* com *quiabos*, *abobora* e etc., etc.

Isso de bater-se o modo rotineiro dos politicos é com o Estado e o Commercio. Entenda-se com elles e veja de que lado está a razão dos seus argumentos de... (ora, *seu Decio*, o senhor sabe a historia de *sua Anninha* *chavé o pinto*?)

Caso queira, porém, possuir esse *seu arrasado* sem razão, pode mandar buscar que o gerente, Dupin lhe enviará de bom humor, apesar de ser contra as pragmaticas da imprensa.

E' bastante subscriptor assim o envelope: — Ao Cidadão Gerente etc., etc. Não lhe dê com o *Illustrissimo Senhor*, que é cousa com que elle mais embirra desde o 15 de Novembro de 1880. E se cahir nessa asneira, foi-se tudo quanto Martha fiou: — nem fio da Martha, nem Martha do fio, nem fio do artigo, nem artigo do fio.

Na verdade o fio de tal artigo, meu caro Sr. Decio, está a modo de esmoer quando sahe de opa nova.

Para de todo não lhe sermos desagradavel, paraphrasearemos o que disse nas suas monumentaes cinco tiras (*cinco tiras, uff!*) e concluiremos: é preciso bater o modo rotineiro dos que, sem convicção, querem respirar em seara alheia.

OLIVERIO TIL.

UM POUCO DE TUDO

Nos trabalhos enviados para esta secção, devem ser observadas as condições seguintes:

1.º — Todo o trabalho dovo ser datado e assignado.
2.º — Todo o trabalho assignado por pseudonymo não será publicado, sem o seu autor declarar anteriormente o seu verdadeiro nome e residencia.

2.º — Não serão publicados por semana mais do que dois trabalhos (de mesmo auctor) dando-se preferencia aos menores.
Convido, pois, aos amantes das charadas, logographos, enigmas, etc., a me auxiliarem nesta tarefa que hoje emprendo.



Tem em primeiro lugar a palavra o *déjas* que é do casa.

LIÇÃO DE MUSICA

Um pas economico e severo interrompe bruscamente a lição de piano da filha.

— Que vejo!... Tu professor te deu um beijo!... Pensas que pago 6\$000 por dia para perdeses o tempo com estas couzas?

— Não se encommode, papae; não perdeses tempo. Quando o senhor entrou, havia alguns compassos de espera.



A Srna. Athanazia invejta seu marido por ter chegado aos quarenta annos sem alcançar um posto eminente na sociedade,

— Mas, minha querida, observa elle, aos quarenta annos não se é velho. Ainda posso esperar.

— Acha pouco quarenta annos! Na sua idade já Alexandre o Grande tinha morrido seis annos antes.



PUDIM DE NOIVA

Tomam-se 18 claras de ovos, 600 grammas de assucar, 500 ditas de farinha de trigo e 450 ditas de manteiga. Dá-se a manteiga com o assucar até ficar branco e separadamente as claras c, reunindo-se tudo depois com a farinha, vai ao forno como o *pão de ló*.



LOGOGRAPHO N. 1

(A' MOREIRA DANTAS)

DU MURAT.

Conheces esta pedra? 1, 2, 8, 6, 4, 8

Que está no abecedario? 8.

E' uma flor amarella 9, 6, 9, 2, 5, 18

E' verme solitario 7, 8, 11, 5, 18.

Queres conceito

Meu caro senhor

E' arte o não sciencia

Do perfumes compor



ENIGMA

(JOJOVALDE)

Procuo, não posso

com brevidade

cantar os feitos

de tal cidade

Formar com as letras destacadas o nome de uma cidade brasileira.



LOGOGRAPHO N. 2

(JOJOVALDE)

Esta mulher, 1, 4, 4, 8

Sentindo dor, 8, 4, 5, 6, 1

Quer por erada 8, 2, 1

Outra mulher 6, 4, 8

São tem zelos 5, 6, 7

No mez das flores 2 1 6 7

CONCEITO.—Nome proprio



CHARADA DECAPITADA

(POR LETRAS)

(LIMA JUNIOR)

Eu vi—pela primeira vez, inda me lembro, no Recreio da Victoria, n'uma formosa noite de domingo, co som da musica que exceciva uma melodiosa—de Gounod, quando ella, passando do braço com Marochas ao longo do jardim, vendo Fantina segredar com o primo,—maliciosamente para sua amiga, mas com tanta graça deixou abrir a flor dos labios como botão de rosa em manhã primaveril, que o seu riso doce e suave, como pedra de toque,—toear o ouro d'alma menos Impressionavel a—magia dos olhos negros d'uma mulher adoravel.



CHARADA BISADA

(LIMA JUNIOR)

Ella no mar—8

—vê—

A' tona estar.

DU MURAT.